

# THE RIVER / 1928

um filme de Frank Borzage

**Realização:** Frank Borzage / **Argumento:** Philip Klein, Dwight Cummings e John Hunter Booth, segundo uma história de Tristram Tupper / **Fotografia:** Ernest Palmer / **Direção artística:** Harry Oliver / **Montagem:** Barney Wolf / **Música:** Maurice Baron, Erno Rapee / **Intérpretes:** Charles Farrell (Allen John Spender), Mary Duncan (Rosalee), Ivan Linov (Sam Thompson), Margaret Mann (Viúva Thompson), Alfred Sabato (Marsdon), Bert Woodruff (o moleiro).

**Produção:** William Fox, para a Fox Film Corp. / **Cópia:** 16mm, preto-e-branco, muda, com intertítulos em inglês e francês e legendada eletronicamente em português, 57 minutos / **Estreia Mundial:** Gaiety, Nova Iorque, em 22 de Dezembro de 1928 / Inédito em Portugal. Exibido pela primeira vez na Cinemateca Portuguesa na retrospectiva FRANK BORZAGE em 15 de Maio de 1990.

## Nota

Como é explicado no texto desta "folha" e está explicitado nos cartões iniciais da cópia que vamos apresentar, **The River** é um filme incompleto. O material subsistente a esta data foi descoberto nos arquivos da 20<sup>th</sup> Century Fox: falta-lhe o início, duas cenas intermédias e a última bobine. Esta cópia integra material fotográfico da coleção de Frank Borzage (fotografias de cena, cartazes), tendo a reconstituição narrativa sido guiada pelo argumento original, depositado na UCLA.

**The River** é apresentado em "double bill" com **He Liu**, de Tdai Ming-liang ("folha" distribuída em separado). Entre a projeção dos dois filmes há um intervalo de 20 minutos.

Com acompanhamento ao piano por Daniel Schevtz

---

Frank Borzage era em 1928 um nome prestigiado em Hollywood, à altura de um Griffith, um De Mille, um King Vidor. Entre todos receberia o primeiro prémio da Academia com **Seventh Heaven**, e era nome certo no "box office". Como explicar então o acontecido a dois dos seus filmes mais importantes, **The River** e **Lucky Star**? As razões devem ser procuradas no momento especial que Hollywood vivia e no seu sistema de produção. O cinema falado chegara para ficar mas, no compasso de espera e enquanto não surgia produção abundante para satisfazer a procura, e para alimentar as inúmeras salas ainda equipadas para o mudo, manteve-se um estatuto ambíguo de produção, em que muitos filmes eram mudos mas a que se sincronizavam ruídos e música, mesmo um ou outro momento de diálogo, ou se faziam duas cópias, uma muda e outra sonorizada. **The River** e **Lucky Star** estavam nestas condições: já não eram "mudos" mas não podiam ainda incluir-se entre os "falados". O triunfo definitivo destes últimos teve por consequência que esta produção acabasse por ir para aos depósitos à espera de "reconversão" da película, do que ainda não havia (ou eram reduzidos) organismos de guarda desse património, e os produtores eram essencialmente industriais e comerciantes. Esquecido e/ou desgastada, a maior parte desta produção acabou por perder-se (**The Patriot**, de Lubitsch, **The Battle of Sexes** e **Lady of the Pavements**, ambos de Griffith, para nos ficarmos por nomes ilustres): de **Lucky Star**, o terceiro filme de Borzage com Charles Farrell e Janet Gaynor só há muito pouco tempo foi descoberta uma cópia que, restaurada, já vimos nesta sala, de **The River** o que

subsiste (por enquanto) são os 42 minutos (mais as fotos agora acrescentadas que alonga para 57 minutos) de puro cinema que vamos ver.

Outra das razões do “esquecimento” a que foi votado **The River** teve a ver com o fraco sucesso de bilheteira e a incompreensão com que o público o recebeu. A resenha da *Variety* diz que na estreia o público se ria durante a exibição, mas que “the laughter was not enterily clear in motive”. Não surpreende, porque tanto o tema como o tratamento escapam a qualquer compreensão lógica e racional. Se foi um fracasso nos Estados Unidos, em França foi elevado às nuvens, em particular pelos surrealistas, como teria de ser um filme em que o amor é mais forte do que a morte, que é o sentido da estarecedora sequência em que Rosalee cobre o corpo nu e gelado de Allen com o seu, numa das mais poderosas imagens eróticas da história do cinema, “ressuscitando-o” com o seu calor e invocação apaixonada, sequência que Howard Hughes imitou palidamente no seu **The Outlaw**.

Mas todo o filme de *Borzage* (ou o que dele resta) circula neste perturbante território do delírio onde tudo, objectos, acções, paisagens e seres vivos, humanos e animais (o simbolismo do corvo, vigilante da fidelidade de Rosalee) tem um sentido “plus grand que nature”. As imagens iniciais da cópia apresenta-nos a partida dos trabalhadores do rio com a chegada da estação fria. Em cima de uma rocha à beira do rio, como uma náiade, uma mulher, Rosalee, de cabelo negro como o corvo que a acompanha e tão misteriosa como aquela ave. Sereia que atrai o jovem e simples Allen que se banha nu no rio junto ao vórtice, como que entre Cila e Caribdes. Se escapa a um acaba por ficar irremediavelmente perdido no outro, os olhos sedutores de Rosalee. Perdidos os sentidos em nome do amor, porque após o encontro uma série de “actos falhados” (em todo o sentido que a psicanálise lhes dá) fá-lo regressar à presença de Rosalee, perdendo os sucessivos comboios que o levariam à cidade. Tudo se vai passar, agora, nos limites da cabana (como tudo decorria em cenário idêntico em **Lucky Star**) onde Rosalee espera o homem que matou por ela e a quem jurou fidelidade. Mesmo o que falta no filme, mais de meia hora, em particular a parte final após a “ressurreição” com o confronto com Marsdon (de quem apenas percebemos um breve flash no delírio de Allen) se concentra todo nesse território. E tudo começa com a interrogação de Rosalee: “How many women have you know?” (que ecoa, um quarto de século antes, a interrogação de Vienna a Johnny Guitar), a que se segue a sequência, tão erótica e tão bela, em que Allen e Rosalee comparam as estaturas, com ela descalçando os sapatos num convite que não podia ser mais sugestivo. O segundo encontro (após uma lacuna no filme, que parece testemunhar que ele terá sido guardado por um fanático do par, dado que o que resta contem apenas as sequências em que ele participa) apresenta-nos Rosalee num quimono, dando-lhe uma perturbante identidade com o corvo (o título francês jogava exactamente com esta metonímia: **La Femme au Corbeau**). A mulher é, mais uma vez no cinema de *Borzage*, a figura que domina, ou melhor, que conduz, mas isso não faz dela, como noutros realizadores, uma mulher fatal. O terceiro encontro, quando Allen chega à cabana em plena tempestade, vai ser decisivo: o conflito entre o juramento de fidelidade e o amor por Allen agudiza-se sob a sombra ameaçadora do corvo. À lânguida pose de abandono e ao beijo de Allen, vem o corvo lembrar, com o seu ataque, a memória de Marsdon e do juramento. Conflito que a leva à agressão onde se sublima o desejo. O golpe da faca falhado tem um carácter eminentemente sexual, consumado finalmente na já referida e assombrosa sequência em que se deita ao lado do corpo gelado de Allen, que resulta de uma das mais espantosas sequências do cinema: a afirmação de virilidade de Allen em que este, como um ser mítico e primitivo, começa a derrubar as árvores à machadada.

Fica-nos uma dor de alma, e uma fervorosa prece para que um dia se possa ver, em todo o seu fulgor, este filme admirável, este poema louco de amor ou de amor louco, objecto único e irrepitível da história do cinema. Quem nunca viu **The River** não pode compreender a essência do melodrama.

Manuel Cintra Ferreira